



**Denise Pereira  
(Organizadora)**

**Diversidades:  
Diferentes,  
não  
Desiguais 2**

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Diversidade: Diferentes, não Desiguais 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 2 /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-091-9

DOI 10.22533/at.ed.919190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.  
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO	
Francisca Maria da Silva Barbosa Iara Maria de Araújo Tatiane Bantim da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
DEL ESTIGMA AL SUJETX POLÍTICX: UNA ARQUEOLOGÍA DE LA MEMORIA HISTÓRICA TRANS SALVADOREÑA	
Amaral Arévalo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
PRECISAMOS FALAR SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DO FILME AZUL É A COR MAIS QUENTE	
Glaucy de Sousa Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
SAUDOSA AMÉLIA - A CRISE DA MASCULINIDADE FRENTE ÀS “MULHERES MODERNAS”	
Ingrit Machado Jeampietri de Paiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
RECORTES DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Ana Caroline Genésio Rodrigues Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
UM CHOPP PRA DISTRAIR: DISCURSO PUBLICITÁRIO E GÊNERO	
Anselmo Lima de Oliveira Alfrancio Ferreira Dias Simone Silveira Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS DE RAÇA E GÊNERO	
Júlia Castro John	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO DIREITO BRASILEIRO	
Anna Christina Freire Barbosa Walney Moraes Sarmiento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905028</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 91**

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE O PÚBLICO LGBT COM A POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO CEARÁ EM LOCAIS HOMOAFETIVOS NA CAPITAL CEARENSE

David Sousa Garcês  
Fábia Costa  
Diêgo Matos Araújo Barros  
Neila Fernanda Pereira de Souza Diniz  
Valeska Denise Sousa Garcês

**DOI 10.22533/at.ed.9191905029**

**CAPÍTULO 10 ..... 100**

UNIVERSIDADE PÚBLICA E EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA UFAC

Fabiana Nogueira Chaves  
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

**DOI 10.22533/at.ed.91919050210**

**CAPÍTULO 11 ..... 116**

A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA EM A PAIXÃO DE LIA, DE BETTY MILAN, E AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA

Giovanna de Araújo Leite

**DOI 10.22533/at.ed.91919050211**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

A INTERFACE DO SEMBLANTE E DA PULSÃO ESCÓPICA ATRAVÉS DO RELANCE DO RAPAZES ALEGRES EM QUEER EYE

Eider Madeiros  
Hermano de França Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.91919050212**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

A APROPRIAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA FICÇÃO COMO ARTIFÍCIO FIRMADOR DO DISCURSO MACHISTA

Raíssa Feitosa Soares  
Emannuely Cabral de Figueiredo  
Lissa Furtado Viana  
Otávio Evangelista Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.91919050213**

**CAPÍTULO 14 ..... 147**

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE

Aparecida Gomes Oliveira  
Lídia Maria Nazaré Alves  
Rhanielly Gomes Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.91919050214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
A INFLUÊNCIA QUE O CONSELHO DA MULHER EXERCE NO TOCANTE A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA	
Sara Regina Santos Oliveira	
David Sousa Garcês	
Fábia Costa	
Diêgo Matos Araújo Barros	
Valeska Denise Sousa Garcês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A CAPOEIRA ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	
Janayna Rocha Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA EM TERRA SONÂMBULA	
João Philippe Lima	
Daniela de Sousa Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
AS REPERCUSSÕES DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PADRÃO DE SAÚDE-DOENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes	
Regina Moraes da Silva Araujo	
Lucas Paoly de Araujo Moraes	
José João Araujo Neto	
Janice Alves Trajano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>197</b>
BRASIL: A ÁFRICA NA AMÉRICA DO SUL	
Jorge Yuri Souza Aquino Leite Rodrigues Lins	
Maria Eduarda Henrique Mascarenhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
BRUXA E ADÚLTERA (A GLORIOSA FAMÍLIA (1997), DO ANGOLANO PEPETELA)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050220</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>219</b>

## A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA EM A PAIXÃO DE LIA, DE BETTY MILAN, E AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA

### Giovanna de Araújo Leite

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Docente na Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns – AESGA, Faculdades Integradas de Garanhuns – FACIGA, Garanhuns- Pernambuco.

**RESUMO:** Este artigo aborda brevemente sobre aspectos da escritura de autoria feminina no contexto da literatura contemporânea, presentes na obra de duas autoras brasileiras, Betty Milan e Helena Parente Cunha. A problemática foi refletir sobre como se apresenta a escritura de autoria feminina em duas produções literárias: “A paixão de Lia” e “As doze cores do vermelho”, obras escritas por Betty Milan e Helena Parente Cunha, respectivamente? O objetivo geral deste estudo é refletir sobre a escrita feminina analisando o foco narrativo desenvolvido por cada autora tanto no livro A paixão de Lia como em As doze cores do vermelho. Os objetivos específicos foram observar os aspectos da linguagem e da estrutura narrativa, assim como assuntos importantes apresentados nas obras destas autoras. A metodologia utilizada foi bibliográfica, pois se realizou a leitura de livros e artigos sobre a obra das autoras e suas respectivas análises, assim como documental, pelo fato de se extrair fragmentos das produções literárias das mesmas. Acredita-

se que este artigo contribui para os estudos de Literatura e Gênero, pois discute aspectos relevantes para compreensão da escrita feminina contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura contemporânea, escritura feminina, estrutura narrativa, pensamento feminino.

**ABSTRACT:** This article briefly discusses aspects of female authoring script in the context of contemporary literature present in the work of two Brazilian authors, Betty Milan and Helena Parente Cunha. The problem was to reflect on the presentation of women’s writing in two literary productions: “The Passion of Lia” and “The Twelve Colors of Red”, works written by Betty Milan and Helena Parente Cunha, respectively? The general objective of this study is to reflect on female writing analyzing the narrative focus developed by each author both in the book The Passion of Lia and in The Twelve Colors of Red. The specific objectives were to observe the aspects of the language and the narrative structure, as well as important subjects presented in the works of these authors. The methodology used was bibliographical, since it was realized the reading of books and articles on the work of the authors and their respective analyzes, as well as as documentary, by the fact of extracting fragments of the literary productions of the same ones. It is believed that

this article contributes to the studies of Literature and Gender, as it discusses aspects relevant to understanding contemporary feminine writing.

**KEYWORDS:** Contemporary literature, female authoring script, narrative structure, feminine thinking.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo é um “embrião” das discussões realizadas na disciplina Literatura e Estudos de Gênero, ministrada pelo professor doutor Antônio de Pádua Dias da Silva, no programa de pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. O professor desenvolve pesquisas voltadas à análise sobre a escrita feminina, as identidades de gênero, as práticas discursivas, as escritas e as reflexões sobre o pensamento de mulheres.

O objetivo geral desta breve análise foi refletir sobre as escrituras literárias produzidas pelas autoras brasileiras Betty Milan e Helena Parente Cunha. A problemática foi refletir sobre como se apresenta a escritura de autoria feminina em duas produções literárias: “A paixão de Lia” e “As doze cores do vermelho”, obras escritas por Betty Milan e Helena Parente Cunha, respectivamente? Os objetivos específicos foram observar os aspectos da linguagem e da estrutura narrativa, assim como, analisar as temáticas discutidas destas autoras.

Entende-se que a produção literária destas duas escritoras é bastante instigante pela forma irreverente de se abordar as temáticas que envolvem o ser mulher em suas facetas variadas. A metodologia adotada neste estudo foi bibliográfica e documental, pois se realizou a leitura de livros e artigos sobre o assunto, assim como, documental, pelo fato de se extrair fragmentos dos textos das autoras mencionadas com a finalidade de discutir e refletir aspectos importantes no contexto dos estudos de Literatura e Gênero.

## 2 | SOBRE A ESCRITURA FEMININA

De acordo com Branco (1991, p. 27) “sugere-se que o feminino não é a mulher, mas a ela se relaciona”, ou seja, a escritura feminina é uma produção relacionada à mulher e, ao mesmo tempo, escrita por mulheres que se dedicam à Literatura para expressar questões que as inquietam. Para Ribeiro (IN SILVA, 2010, p. 20):

as personagens femininas criadas por escritoras contemporâneas comportam-se de modo diferenciado das personagens femininas românticas e realistas criadas por homens. Elas enunciam suas crises, denunciam suas insatisfações, representam suas vozes libertárias e sua nova mentalidade a respeito das relações sociais.

É importante ressaltar que a narrativa ficcional produzida por mulheres não tem nada de trivial nem açucarada, como costumeiramente foi tachada ao longo da literatura canônica. Como afirmou Silva (2010) foi-se o tempo em que autores renomados como o brasileiro Graciliano Ramos chegou a fazer um comentário preconceituoso no sentido do projeto de autoria de Rachel de Queiroz: “O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos, estragos maiores que o romance de José de Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova” (RAMOS apud SILVA 2010, p. 25). Preconceitos como este sobre a autoria feminina geraram atitudes de negatividade frente à presença da mulher na Literatura, pois a representação feminina ficava aprisionada ao anonimato, ao silenciamento e à exclusão no cotidiano, sendo transpostas, apenas, para estatutos como o mítico e o divino, de acordo com Lima (APUD SILVA 2010).

Neste sentido, a escritura de autoria feminina foi cada vez mais ganhando espaço na literatura como um todo, denunciando ou enunciando, os desejos e os anseios de uma ou várias mulheres que pensam diferente da ordem patriarcal. No romance “A paixão de Lia” percebe-se que Betty Milan privilegia em seu texto, um mergulho na alma feminina escavando emoções, mesclando lirismo e crueza nos envoltórios amorosos, fugazes e virtuais. A escritura de autoria feminina traduz-se em um foco narrativo na terceira pessoa e a ordem gráfica dos textos denuncia o pensamento feminino de inquietação e fragmentação, frente às suas variadas formas e estéticas de ser mulher. Na produção de Helena Parente Cunha, encontra-se o questionamento da situação subalterna feminina, sempre inserida em estruturas sociais de dominação.

A experimentação pela mulher de construções identitárias inconsistentes e de vivências frustrantes [...] essa escritora baiana questiona as condições de sobrevivência da mulher em sociedades machistas e repressoras, nas quais ela parece fadada a conviver com a culpa aliada à satisfação do prazer – a proibição sempre mais forte que o poder de realizar-se, de forma feliz, a transgressão (SOARES, 2009, p.24).

Diante de uma breve abordagem sobre a escritura de autoria feminina das autoras Betty Milan e Helena Parente Cunha, realizou-se abaixo, uma rápida análise sobre os as duas escritas literárias escolhidas para reflexão neste artigo.

### **3 | A PAIXÃO DE LIA – BETTY MILAN**

Betty Milan nasceu em São Paulo no dia 05 de agosto de 1944. Formou-se em Medicina pela Universidade de São Paulo e em Psicanálise, na Universidade de Vincennes, na França. É autora de romances, ensaios, crônicas e peças de teatro, assim como também, escreveu para jornais e revistas no Brasil, a exemplo da Folha de São Paulo e Veja, respectivamente.

Ao ler o romance “A Paixão de Lia”, escrito por Betty Milan, observa-se um

texto em que há certo estranhamento na forma de identificar mais claramente o foco narrativo da obra. A predominância do foco está na terceira pessoa, embora a autora mescla a terceira pessoa com a primeira pessoa, numa narração onisciente mesclada entre primeira e terceira pessoas do singular, e em outros momentos, na primeira pessoa do plural (nós). Há momentos em que a terceira pessoa é abordada para falar de si mesma e em outros momentos, para falar do outro. Trata-se de um romance em que se abordam experiências diversas do universo feminino numa linguagem fluida sem pudor, fronteira, nem convenções, traduzindo-se numa obra onde a libido está à flor da pele.

No primeiro capítulo intitulado “My man”, a narração acontece numa primeira e terceira pessoa, que juntas formam uma primeira pessoa. Escolhe-se a terceira pessoa do singular para falar de si mesma. “Lia” é “Ali”. Abordam-se as fantasias diversas do “ser” em sua existência no relacionamento humano. O amante de Lia pode ser o homem que ela deseja, ou, ainda, um outro ser que ela deseja ser, independentemente de homem ou mulher. “Ali” é o outro: é “o amante para que eu, com ele, possa me transladar de um a outro [...] com ele deixar de ser quem sou, me tornar cigana e ser vidente [...] outra que não eu, por me fazer amar, Ali me fará ser. Por amar, outro forçosamente ele será” (MILAN, 1995, p.16-17).

No fragmento acima, observa-se que “Lia” e “Ali” mediam-se de um a outro, se revezam nos desejos e sentimentos mútuos. Há a possibilidade de ser mais de uma mulher em si mesma: Lia, Lúcia, Lia Lúcia.

É possível imaginar-se no outro, ser o que o outro deseja que ela seja: “ser tomada por quem ele desejar que eu, ao som de Billie, seja” (MILAN, 1995, p.24). No segundo capítulo “O Bordel”, o foco narrativo do eu e o outro estão em jogo novamente. “[...] um bordel, O fugitivo, onde, tomando o desconhecido por um outro, eu possa encontrar o esperado, o parceiro me propiciará a ilusão de que sou a única pelas orquídeas que vendo chegar, ele me oferecerá” (MILAN, 1995, p. 29). O “eu” e o “outro” se dissolvem, um se deixa levar pelas lágrimas e pelo açoitado, nunca pelo prazer, o outro pelo prazer. “O, para se saber amada, precisa obedecer, e o amante, pelo mesmo motivo, mandar” (MILAN, 1995, p. 38). É uma terceira pessoa falando de si mesma e do outro.

No capítulo “A cortesã”, trata-se de ser a mulher esperada, “deixar de ser quem sou, sendo a que o parceiro desejar” (MILAN, 1995, p. 55). É a mulher passiva, a mulher que se deixa levar pelos desejos do outro.

No capítulo “Lesbos”, a terceira pessoa falando de si mesma escreve que quer ser “uma que comigo se assemelhe. Nome? Lídia, por que não? Lia e Lídia na Ilha de Safo [...] de mãos dadas pelas ruas estreitas” (MILAN, 1995, p.72). Ser feliz ao lado de outra mulher com direito a experimentar todas as delícias do corpo e da alma. Duas mulheres que trocam entre si o que querem ser: “tendo sido o cavalheiro, sou agora a dama. Importa-nos isso? Nem a nós e nem aos anjos” (MILAN, 1995, p.91-92).

Neste contexto de amar o mesmo, Lídia e Lia descobrem a impossibilidade de juntas não poderem germinar outra vida, “dar à luz”. Essa discussão se desenvolve no

último capítulo “Ave, Maria”.

Lídia me permite continuamente ignorar o tempo, imaginar até quem sou, como as deusas, imortal, mas só o filho poderá me imortalizar. Amo-a mais do que a vida que tenho, porém menos do que a imortalidade, a qual está acima da paixão (MILAN, 1995, p.98).

Diante destes breves comentários do romance “A paixão de Lia”, percebe-se que o enredo é uma mistura de vozes de uma mulher que se mescla em diversas mulheres. A mulher que busca o companheiro homem; a mulher mediada entre o masculino e feminino, sem binaridades, como uma mediação fluida; a mulher grupal, que se relaciona com várias pessoas ao mesmo tempo; a mulher esperada, aquela que se deseja ser; a mulher que ama o seu igual (outra mulher); a mulher grávida (que se estende na gravidez de seu/sua filho/a), ou seja, várias facetas do ser humano mulher.

O romance apresenta-se numa linguagem solta e leve, numa mistura de vozes entre a primeira e terceira do singular além do “nós”, primeira do plural, expressando sempre os desejos do feminino sem pudor, sem medo, livre e solta na existência.

#### **4 | AS DOZE CORES DO VERMELHO – HELENA PARENTE CUNHA**

O livro “As doze cores do vermelho”, da escritora Helena Parente Cunha traduz-se numa espécie de “fotografia” da construção de várias mulheres expostas ao longo da trama. Há uma permanente ruptura, fragmentação, totalidade, unicidade, fluidez.

A linguagem utilizada nesta narrativa é bastante fragmentada tanto na utilização das pessoas do discurso como nos tempos verbais, quanto nos próprios acontecimentos e pensamentos da protagonista, com a utilização de expressões coloquiais e cotidianas como “você”, dando ao discurso uma proximidade entre a protagonista e o (a) leitor (a); uma sonoridade do texto como se estivesse sendo “conversado”, “falado”, isto é, uma conversa entre a protagonista e o “outro”, sobre os acontecimentos da vida em suas variadas fases.

Em determinadas partes do texto, não há vírgulas, e o texto lembra uma “conversa”. A infância, a adolescência, a juventude e a maturidade de uma mulher em especial, além de outras personagens femininas e masculinas são apresentados, mas em todos os acontecimentos de cada etapa da vida são contados, de forma bastante particular.

Ao longo da narrativa, o/a leitor/a sente um certo incômodo durante a leitura, sentindo um certo “sufoco” e uma certa “náusea” no desenrolar dos acontecimentos narrados, pois a cada etapa vivenciada pela protagonista feminina durante um tempo verbal para outro, há uma ruptura a cada coluna ou ângulo.

No decorrer da narração as experiências são retratadas como uma ruptura numa estrutura bem diferente do usual na Literatura. O texto é apresentado formalmente na

estrutura de colunas e, paradoxalmente, cada coluna do se relaciona com o todo, ela possui vida própria e é independente, pois a fragmentação, a totalidade e o instantâneo juntam-se em “pedaços que permanecem e coexistem em dimensão una e múltipla” (CUNHA, 1998, p. 13).

Nas palavras de Schimidt (IN CUNHA, 1998, p. 9), “um relato que orchestra, concomitantemente e paradoxalmente, a singularidade e a heterogeneidade [...]”. Neste sentido, há muitos discursos diferentes que circulam dentro do romance fragmentado em sua aparência, mas, uno no pensamento entre fronteiras, desde quando a protagonista é uma menina (criança), que está sempre fazendo indagações a si mesma e ao “outro” do discurso, em torno da estrutura social vigente.

São os discursos que ficam nas fronteiras do tradicional e do pós-moderno, onde a “subversão das regras de linearidade, continuidade e unidade da narrativa tradicional, ancorada na noção de representação como espelhamento do real” (SCHIMIDT IN CUNHA, 1998, p. 9) estão a todo instante “provocando” o/a leitor/a, como se evocando no seguinte questionamento: “o que fazer diante de uma historicidade destas? Como mudar esta realidade?”.

Aborda-se, assim, o contexto da formação de vida das mulheres, numa linguagem cheia de metáforas, paradoxos e interrogações desde a infância até a maturidade. Uma protagonista que se pergunta ‘para que lado deve-se ir? O “lado de lá” ou o “lado de cá”?’ A maneira de pensar e agir “diferente”, de uma sociedade cheia de contratos sociais que oprimem os reais ideais de uma mulher que anseia pela sua própria vida de forma pensante e livre. Nas palavras extraídas do título “Antes de atravessar o arco-íris”, afirma-se:

Esta é uma estória de simultaneidades, em três tempos e três vozes, num tecido que se estende e de desdobra nas três colunas de cada capítulo. Uma pintora, a personagem principal, na primeira coluna se apresenta como o eu que se reporta ao passado. A segunda coluna se sustenta por uma voz dirigida à protagonista através de você vivido no presente. O ela da terceira coluna se refere à personagem em suas vivências futuras. (CUNHA, 1998, p. 13).

Durante a infância da protagonista, a narração é feita em primeira pessoa do singular, a fim de expressar o passado de uma menina cheia de sonhos, que se depara com uma realidade onde a mulher não tem a devida liberdade de “ser o que quer ser”, desde criança. A estrutura do texto é bem especial e inusitada, pois se narra a vida desta “menina” numa composição de 3 (três) colunas, chamadas de ângulos: no ângulo 01 (um), narra-se o passado; no 02 (dois), o presente, e no 03 (três), o futuro. São três tempos verbais, ao todo, em cada módulo, como a autora denomina.

Essa maneira de narrar de forma estruturalmente fragmentada, em textos curtos, onde em cada ângulo apresenta-se a narração de acordo com o tempo e às pessoas diferentes do discurso, produz-se certo estranhamento, sensação de inacabamento e náusea no/a leitor/a, acostumado/a a uma narrativa confortavelmente alinhada numa

perspectiva (linear). Mas, paradoxalmente, produz uma unidade de pensamento, em torno deste “ser mulher” diante de uma realidade que assola tantas outras, como uma espécie de denúncia do que as mulheres vivem desde crianças, numa sociedade patriarcal e tradicional.

Durante o ângulo 01 (um) utiliza-se o tempo do pretérito perfeito predominantemente na primeira pessoa do singular ao se narrar o período da infância e adolescência da personagem feminina protagonista; no ângulo 02 (dois), utiliza-se o presente do indicativo na segunda pessoa do singular “você” para abordar a vida da protagonista enquanto casada com um homem e no ângulo 03 (três) narra-se no futuro do presente na terceira pessoa do singular “ela”, enquanto mulher já com duas filhas, uma “menina menor” e outra “menina maior”, como se intitula dentro na narrativa.

Observa-se, também, que “os” ou “as” personagens do livro não são evocados pelo nome, e, sim, pelas características que apresentam: amigas e amigos da protagonista são chamadas de “menina dos olhos verdes”; “a menina dos cabelos de fogo”; “o menino dos cabelos cor de mel”; “a menina negra atrás do vidro dos óculos”; filhas da protagonista: “a menina maior”, “a menina menor”; o “marido”, entre outros. Ao passo que se utiliza na narração do livro, a 1ª, 2ª e 3ª pessoas em tempos verbais diferentes, cada tempo verbal (passado, presente e futuro) em cada pessoa respectivamente, o/a leitor/a especialmente, se for leitora, se assemelhará em muitos momentos com a forma de abordar os acontecimentos de vida da personagem protagonista, em qualquer um dos tempos verbais ou pessoas, pois a narração apresenta muitos pensamentos críticos em torno do se fazer mulher na conjuntura apresentada, desde a infância, passando pela adolescência, até o período da maturidade. Narra-se o sonho da protagonista de ser pintora, de estudar na escola das Belas Artes, mas, como este sonho é negligenciado por algumas pessoas ao seu redor (algumas amigas e o marido) e, ao mesmo tempo, é incentivado por (amigas e por um pintor boliviano). Percebe-se, no fragmento abaixo extraído do prefácio do livro, que pela estrutura social a qual se vive, diante de fatores culturais e patriarcais, aos quais a mulher vivencia, ela deve ser uma simples mulher do lar:

[...] a formação e desenvolvimento de uma personagem inominada, mulher branca, brasileira, de classe média, inserida dentro de um contexto histórico, social e cultural, em que o sistema educacional, a família e o casamento são vetores de um processo de inserção social cujo objetivo último, é a produção de sujeitos enquadrados numa hierarquia de gênero, classe e raça, sustentáculo do contrato social através do qual a ordem burguesa patriarcal assegura o seu funcionamento e sua reprodução. O imperativo ideológico do script social dentro do qual se movimenta mulher-esposa-mãe, cede ante as transgressões da mulher artista, que rompe com o cerco da socialização e domesticação do feminino, figurado no lado de „cá” e realiza, não sem enormes conflitos externos e internos, a passagem para o lado de „lá”, tropos da busca de auto-realização (SCHMIDT In CUNHA, 1998, p. 08)

É esta a educação tradicional em torno da formação da mulher, que desde

pequena não pode se perguntar sobre determinadas questões e deve exercer a função de mulher-esposa-mãe, a fim de não se sentir culpada, caso transgrida este sistema.

Em um outro fragmento, já dentro do ângulo 01, narra-se: “No pátio antes de entrarmos para a sala de aula minha colega negra ocupava o último lugar na fila. Por que se ela não é a maior? Vozes me mandavam calar a boca. Por que eu não podia falar?” (CUNHA, 1998, p.26).

No trecho acima, percebe-se o questionamento em torno da mulher negra, pelo fato da mesma não ser tratada como as outras, mas esse questionamento é silenciado pelas “vozes”, pelo que a sociedade predetermina e não pelo o que ela questiona. Há neste fragmento, a denúncia de uma sociedade preconceituosa que predetermina desde as mais tenras idades, já na infância, o preconceito contra os negros e negras. A protagonista faz este questionamento, sem entender por que sua amiga negra sentava-se ao final da fila se ela não era maior? E por que este questionamento era-lhe proibido? Por que as “vozes” do mundo já silenciavam a sua pergunta? Em outra passagem do texto, no ângulo 02, inicia-se assim:

Você habitualmente chega do trabalho antes do seu marido. Hoje ele volta do trabalho e não encontra você. Onde você está? [...] Você entra no apartamento. Seu marido dobra as cuecas e conta as meias. Você se aproxima para dar um beijo mas ele tira o rosto e baixa a cabeça. A menina menor chora agarrada ao cachorrinho de pelúcia. A menina maior ouve o toca discos a todo volume e quer descer para o playground sozinha. Seu marido está muito ocupado fazendo a relação dos clientes a visitar amanhã [...] você tem vontade de pegar sua bolsa e sair novamente [...] você pega a sua bolsa e vai até a porta. Mas você não sai. Por que você tem medo? (CUNHA, 1998, p. 27).

Percebe-se, na leitura do fragmento destacado acima, que há o questionamento em torno do papel da mulher que na sociedade é o de “mãe”, que obrigatoriamente deve ser o de cuidar da casa, do lar, da família, mesmo que o marido se comporte como este “ser egoísta” que está atento apenas ao que cabe dentro de casa, pelo simples fato de ser “homem”. Isto está presente desde muito tempo, em que prevalece o pensamento de uma sociedade patriarcal, em que a mulher é coercitivamente forçada a cuidar do lar, mesmo diante de qualquer situação. Não lhe é permitido questionar, daí a última pergunta: “por que você tem medo?”.

A fronteira entre o “lado de cá” e o “lado de lá” é a indecisão da protagonista em quaisquer etapas da vida, e daí vem a unicidade de pensamento em torno do questionamento entre fronteiras: “um dia eu disse que os desenhos de minha amiga eram um amontoado de cocô. A menina foi dizer à inspetora que eu falava nome feio [...] De longe a menina me fazia careta. Por que eu não cortava as tranças dela amarela?” (CUNHA, 1998, p.32).

Neste fragmento, ela está na fronteira no que é permitido pelo sistema e ela não tem coragem de ir além, de quebrar as barreiras do sistema. Em outra passagem, ela está indo contrário ao sistema, mas sente uma “espécie” de arrependimento: “Você

pensa no que seu marido lhe diz. Você quer se dedicar mais às meninas. Você deve. Você acha que se estiver mais presente haverá mais diálogo. Você pensa em trancar a matrícula na escola de belas artes.” (CUNHA, 1998, p.55).

A presença da mãe que dá carinho e amor “[...] você se abraça à sua filha menor e fica encolhida na cama” (CUNHA, 1998, p. 57). A dúvida e a “bifurcação” aparecem de forma a levar a esta reflexão: as fronteiras do ir e vir da mulher contemporânea. De maneira geral, são apresentados vários acontecimentos interessantes sobre a vivência da protagonista neste romance intitulado “As doze cores do vermelho” ao qual se remete às possibilidades do pensar da mulher questionadora, de optar que o ser humano, de maneira geral, ou, que a própria mulher encontra na sua existência, mesmo diante de questões sociais, ideológicas, culturais as quais muitas mulheres, mesmo em tempos contemporâneos, ainda estão na fronteira entre o “pode” e o “não pode”.

## 5 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto, percebe-se que a narrativa de Betty Milan, idealizada nas diversas possibilidades do desejo, mostra uma escrita feminina livre e sem amarras patriarcais, sem culpa, sem medo. Já na narrativa de Helena Parente Cunha, há o questionamento do “pode e do não pode” com relação aos desejos femininos, pois dentro do romance, as vozes que repetem o “lado de lá e o lado do cá” estão sempre visíveis. “No lado de cá o elo e o no lado de lá, as cores certas. “No lado de lá o repente e as migrações e o livre desdobramento dos vermelhos. Entre lá e cá o meio cheio de sustos e desejos” (SOARES, 2009, p.26).

## 6 | CONSIDERAÇÕES

A partir das breves análises expostas neste trabalho, observa-se a importância de se estudar mais profundamente a escritura de autoria feminina na contemporaneidade, a fim de buscar respostas dentro do diálogo entre as relações de gênero presentes nos textos literários escritos por mulheres.

É importante que haja esta preocupação de analisar as temáticas e as denúncias presentes nas obras de autoria feminina a fim de se compreender cada vez mais os anseios da mulher contemporânea na ficção e na própria vida prática das mesmas.

## REFERÊNCIAS

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina?** 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, coleção Primeiros Passos, 1991.

CUNHA, Helena Parente. **As doze cores do vermelho**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MILAN, Betty. **A paixão de Lia**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 1995.

LIMA, Nadia Regina Barros. IN: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

RAMOS, Graciliano. IN.: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

RIBEIRO, Maria Goretti. Prefácio. IN.: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Prefácio. IN: CUNHA, Helena Parente. **As doze cores do vermelho**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

SOARES, Angélica. **Limites e ultrapassagens no Autoconhecimento da mulher: pontos de Tensão entre as doze cores do vermelho, corpo no cerco, mamar e cantos e cantares**, de Helena parente cunha. Revista Terceira Margem: revista do programa de pós-graduação em Ciência da Literatura. Rio de Janeiro: UFRJ, ano XIII, nº 20, jan – jul, 2009.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-091-9



9 788572 470919